

# Editorial

Prosseguindo um dos objectivos expressos na Plataforma Editorial da revista *Cidades. Comunidades e Territórios*, de uma tão ampla quanto significativa divulgação de textos de autores estrangeiros e/ou sobre temas exteriores à realidade portuguesa, o presente número é um evidente exemplo dessa determinação dos responsáveis desta publicação e também do seu editor, o Centro de Estudos Territoriais. No entanto, no presente caso não se trata, como veremos, de alguns textos avulsos, ainda que significativos, materializando aquele objectivo, mas de uma edição praticamente exclusiva sobre uma situação muito particular que sucintamente designámos de *Brasil Urbano*. Muitos de nós tem vindo a acompanhar, nos últimos tempos, alguns dos debates políticos e urbanos que têm vindo a atravessar a vida social, intelectual e cívica da sociedade brasileira. O instrumento de gestão urbana que dá pelo nome de Orçamento Participativo é, certamente, uma dos mais inovadoras e emblemáticas medidas de política de cidades do Brasil contemporâneo, não sendo, contudo, suficientemente ilustrativo do longo processo, muito contraditório e não poucas vezes conflitual, que tem estado na base de uma ampla reivindicação de uma melhor qualidade de vida urbana e de uma mais significativa participação dos cidadãos nos destinos das respectivas cidades. Esse longo processo tem uma designação consagrada e o nome sugestivo de Reforma Urbana.

Aparentemente, não parece haver entre nós, e este “nós” reporta-se, também, ao contexto europeu, uma tradição de debate sobre as condições de transformação das cidades na perspectiva daqueles processos de *reforma urbana*, que desde há décadas são debatidos, em situações por vezes muito adversas, na América Latina e, de modo muito premente, no Brasil actual. Não fazendo sentido desenvolver aqui uma discussão sobre esse longo debate sobre a reforma urbana – de resto, em paralelo com a própria reivindicação de uma correspondente *reforma agrária* – a sua explícita referência, neste momento, não se limita a enfatizar essa já longa e amadurecida *inovação política* sobre a mudança urbana, procurando apelar, simultaneamente, à necessidade, também teórica, de tra-

zer para a cena política portuguesa esse mesmo debate. Eis, pois, a razão fundamental desta edição sobre o Brasil Urbano, através da qual, como veremos, irá ser possível encontrar abordagens muito distintas, de diferentes investigadores brasileiros, discutindo criticamente muitas dos temas que sustentam o debate actual sobre a referida Reforma Urbana.

Assim, o texto inicial de Aristides Moysés, Maria do Amparo Aguiar e Genilda Bernardes traça um quadro sucinto das “Políticas Urbanas no Brasil nos últimos trinta anos”, através do qual podemos avaliar aquele longo processo de maturação das actuais políticas urbanas no Brasil. Destaca-se, assim, que a partir de alterações do panorama político-económico, nomeadamente do esgotamento do modelo desenvolvimentista e da instauração de políticas liberais, a questão urbana do Brasil foi, quase sempre, um tema analisador e significativo das correspondentes mudanças políticas. Constitui, pois, um texto realmente de abertura e, de certo modo, de apresentação e de contextualização histórica, económica e política dos artigos que se seguem. Contudo, o texto seguinte, de Luiz César de Queiroz Ribeiro sobre “Segregação Residencial e Políticas Públicas. Análise do espaço social da cidade na gestão do território”, ainda que se posicionando a um nível distinto do anterior, permite igualmente um certo enquadramento dos artigos seguintes, ao apresentar uma inovadora postura teórica e metodológica de análise social do espaço urbano. Através de uma tal “ferramenta”, o autor pretende identificar os efeitos de segmentação urbana e de segregação residencial no processo de reprodução das desigualdades e da pobreza, aplicando aquela postura especificamente ao caso de Rio de Janeiro.

A partir daqui, os textos seguintes reportam-se a cidades-metrópoles específicas, em especial o caso de São Paulo. Concretamente, o texto de Lúcia Machado Bogus e Suzana Pasternak “A Cidade dos Extremos. Desigualdade socioespacial em São Paulo”, comentando a evolução demográfica e a segregação social daquele espaço metropolitano, analisa criticamente os “extremos” daquela Cidade: as Favelas e os Condomínios Fechados. Real-

mente, a partir desta análise crítica, as autoras pretendem desmistificar diversos postulados genericamente aceites em relação àqueles dois “extremos”. O artigo seguinte, de Maura Pardini Veras “Desigualdades Brasileiras. Pobreza, inclusão e exclusão sociais em São Paulo”, posicionando-se numa perspectiva distinta do texto anterior, apresenta, contudo, uma outra face daquele território metropolitano, analisando, agora, “velhas” questões sociais, nomeadamente a pobreza e a desigualdade. Mas as faces do “gigante” São Paulo são, por isso mesmo, múltiplas e desconcertantes. Deste modo, o texto de Marcelo Tramontano “Alice no País da Especulação Imobiliária. Habitação e modos de vida na Cidade de São Paulo” analisa, digamos, o “interior” daquele território, ao destacar a evolução recente dos espaços de habitar numa abordagem comparativa com as mudanças do perfil demográfico e dos modos de vida daquela população urbana. O último texto do bloco dos Artigos, constitui também o único artigo que não se reporta à realidade brasileira. Realmente, ainda na postura da revista de divulgação de textos de autores estrangeiros, neste caso sobre o caso português, o artigo de Laurence Loison “O Desemprego em Por-

tugal. Elaboração de uma Tipologia”, analisa os factores estruturais da experiência daquela precária situação social e económica, mas sobretudo o sistema de representações, por parte dos desempregados, em relação a essa mesma experiência. Mas ainda regressamos ao Brasil, agora na rubrica de Ensaios. Assim, o texto de Denise Mônaco dos Santos “Atrás dos Muros. Considerações sobre o fenómeno condomínios fechados no Brasil”, sendo também um regresso a esta temática tão particular, nomeadamente em São Paulo, permite avançar agora numa caracterização evolutiva e diferenciada daquelas “pequenas cidades” no interior da Grande Cidade. Por outro lado, o ensaio de Marcelo Feijó “A Memória de São Paulo nas fotografias de Militão Augusto de Azevedo e Guilherme Gaensly”, constitui uma abordagem original, também para esta revista, ao tomar a produção de dois dos mais importantes fotógrafos brasileiros da segunda metade do século XIX, como objecto de reflexão sobre os “modos de ver” a cidade de São Paulo, através do diálogo sobre a construção da memória urbana (imagens e representações) daquela mesma cidade.

*Vitor Matias Ferreira*